



# AS NOVE IRMÃS: UMA VARREDURA HERMENÊUTICA SOBRE O MANUSCRITO DE VOYNICH

Prof. Dr. Eduardo Antônio Bonzatto<sup>1</sup>  
<http://lattes.cnpq.br/9031273202384299>

**RESUMO** – Este texto pretende discutir a gênese dos sistemas modernos de educação por meio do surgimento de uma escrita religiosa e legislativa e do confronto dessa forma peculiar de educação com sistemas culturais emergentes marcados preferencialmente por associações colaborativas, tão típicas das aldeias, das vilas e das tribos que viviam na Europa no raiar da modernidade. O papel das mulheres nessas associações merece destaque particular.

**PALAVRAS-CHAVE** – escrita, poder, mulher, colaboração.

28

**ABSTRACT** – This text discusses the genesis of modern systems of education through the emergence of a religious writing and legislative and face this peculiar form of education systems with emergent cultural associations marked preference for collaborative, so typical of villages, towns and tribes that lived in Europe at the dawn of modernity. The paper of women in these organizations deserves particular highlight.

**KEYWORDS** – Writing, power, woman, collaboration.

O oculto, por lidar com realidades vivas e não catálogos de mortos, pode chegar mais perto da verdade que a ciência, e o sábio que desvenda os segredos da natureza não profana necessariamente um santuário proibido, mas pode seguir passo a passo a divindade, como pessoa privilegiada a olhar profundamente no mistério das almas e das forças cósmicas.  
Paracelso

---

<sup>1</sup> Doutor em história social e professor na Universidade Federal do Sul da Bahia, e-mail: [eabonzatto@ig.com.br](mailto:eabonzatto@ig.com.br).



Esse texto não trata das relações incidentais entre educação e cultura, mas sim da tensa relação desses colossos quando entendidos num confronto entre as instituições promotoras de poder (e de desigualdade) como a Educação e a produção simbólica de cultura que também opera no reconhecimento e instauração de reciprocidade dos grupos, no caso da Cultura.

Claro está que esta definição de Educação parte da constatação de seu enraizamento nos princípios iluministas ainda hoje tão vitalizados, enquanto a de Cultura passa longe da invenção de tradições, tão próprias do século XIX e se volta para tradições ancestrais e costumes que também ainda hoje podem ser surpreendidos.

*Totonha*, de Marcelino Freire parece traduzir magnificamente essa tensão nos dias atuais:

Capim sabe ler? Escrever? Já viu cachorro letrado, científico? Já viu juízo de valor? Em quê? Não quero aprender, dispenso. Deixa pra gente que é moço. Gente que tem ainda vontade de doutorar. De falar bonito. De salvar vida de pobre. O pobre só precisa ser pobre. E mais nada precisa. Deixa eu, aqui no meu canto. Na boca do fogão é que fico. Tô bem.

Já viu fogo ir atrás de sílaba? O governo me dê o dinheiro da feira. O dente o presidente. E o vale-doce e o vale-linguiça. Quero ser bem ignorante. Aprender com o vento, tá me entendendo? Demente como um mosquito. Na bosta ali, da cabrita. Que ninguém respeita mais a bosta do que eu. A química.

Tem coisa mais bonita? A geografia do rio mesmo seco, mesmo esculhambado? O risco da poeira? O pó da água? Hein? O que eu vou fazer com essa cartilha? Número?

Só para o prefeito dizer que valeu a pena o esforço? Tem esforço mais esforço que o meu esforço? Todo dia, há tanto tempo, nesse esquecimento. Acordando com o sol. Tem melhor bê-á-bá? Assoletrar se a chuva vem? Se não vem? Morrer, já sei. Comer, também. De vez em quando, ir atrás de preá, caruá. Roer osso de tatu. Adivinhar quando a coceira é só uma coceira, não uma doença. Tenha santa paciência!

Será que eu preciso mesmo garranchar meu nome? Desenhar só pra mocinha aí ficar contente? Dona professora, que valia tem o meu nome numa folha de papel, me diga honestamente. Coisa mais sem vida é um nome assim, sem gente. Quem está atrás do nome não conta? No papel, sou menos ninguém do que aqui, no Vale do Jequitinhonha. Pelo menos aqui todo mundo me conhece. Grita, apelida. Vem me chamar



de Totonha. Quase não mudo de roupa, quase não mudo de lugar. Sou sempre a mesma pessoa. Que voa.

Para mim, a melhor sabedoria é olhar na cara da pessoa. No focinho de quem for. Não tenho medo de linguagem superior. Deus que me ensinou. Só quero que me deixem sozinha. Eu e minha língua, sim, que só passarinho entende, entende? Não preciso ler, moça. A mocinha que aprenda. O doutor. O presidente é que precisa saber o que assinou. Eu é que não vou baixar minha cabeça para escrever. Ah, não vou. (FREIRE, 2005, P. 79-81).

Já sabemos que a história é escrita pelos vencedores. E não parece haver discordâncias de que o grande vencedor da história, no presente e desde que passou a dominar a escrita, é o homem.

Portanto, quem escreveu efetivamente a história da humanidade inteira foi o homem. Foi a partir de sua perspectiva que a história foi construída. O que não quer dizer que essa seja a verdade da história. Muito pelo contrário.

Mas o homem usurpador, o homem dominador, o homem centralizador conquistou essa posição por meio da dominação da escrita, esse meio centralizador, que erradica outras formas comunicativas e hierarquiza outras tantas e delas usufrui<sup>2</sup>.

30

A escrita aqui referida corresponde à conjunção de três fatores indissociáveis e que só se constituíram na modernidade ocidental: invenção da prensa mecânica por Gutenberg, o resgate do latim como língua escrita da igreja centralizada, com gramáticas e regras e o advento das línguas vernáculas modernas. Nesse momento (século XVI), a escrita torna-se um meio privado pelo qual o poder se expressa.

Homem e escrita são os denominadores comuns daquilo que entendemos como civilização, cujo tempo de emergência é muito mais curto do que gostaríamos de acreditar: só tem quinhentos anos. Depois da invenção da escrita, centralizou-se a religião, o estado, o poder, a família nuclear burguesa, enfim, a autoridade do masculino sobre a natureza.

---

<sup>2</sup> Basta uma vista d'olhos no gênero dos filósofos em período anterior ao século XX para constatar essa assertiva.



Pretendo apresentar aqui um texto até certo ponto panfletário, um documento de protesto, uma hipótese que nega a naturalidade desse poder. Para tanto, precisamos estar onde nasceu esse poder, no exato momento de sua emergência, ou de sua usurpação.

Há uma oposição irrecusável na sociabilidade humana. Existem as tribos, comunitárias, coletivistas, marcadas por funções e festas e existe a civilização, a sociedade humana, marcada pela hierarquia e pela ubiquidade.

Na Europa do século XV/XVI nasceu esta civilização, com a centralização da Igreja. Antes, existiam múltiplas tribos, múltiplas crenças, múltiplos cristianismos. E uma sociabilidade que permaneceu, para além de muitas outras: a experiência céltica, onde hoje existe a França, a Alemanha, a Inglaterra.

Mas esta forma de sociabilidade era basicamente matriarcal. Era a mulher, a genitora, aquela que integrava com as plantas, que manipulava as ervas e que curava os corpos, que trazia ao mundo os filhos, que interpretava os astros.

31 De existência muito antiga, posso citar a comunidade de sacerdotisas de Sena, à beira do Mar Britânico. Eram **nove sacerdotisas supostamente virgens** especializadas em profetizar o futuro e realizar curas mágicas, mas também de provocar tempestades e em transformar pessoas em animais. Essas druidezas passariam, com a chegada da modernidade na figura da Inquisição, a compor o vasto repertório das Bruxas sacrificadas no altar dos holocaustos desta mesma modernidade.

É verdade que alguns desses cultos druídicos femininos sobreviveram, por exemplo, nos ritos realizados pelas monjas do monastério irlandês do Kildare, que mantinham um fogo perpétuo em honra a Santa Brígida, santa cristã que é uma continuidade sincrética de antiga divindade indo-europeia, a deusa mãe.

Aliás, é desse período o aparecimento e a proliferação dos conventos e abadias para mulheres e essas mulheres não escolhiam a vida reclusa por vocação, mas sim pela segregação, pelo isolamento, pela disciplina e pela penitência.

Esse movimento estava intimamente ligado à institucionalização da Igreja no bojo do cisma protestante, encabeçado pelo Concílio de Trento, em que se exigia uma incondicional obediência ao papa e uma ferrenha centralização em Roma.



É incalculável o número de mulheres que nesse momento foi, tanto pela pira da inquisição quanto pela reclusão, submetidas pela pedagogia da submissão. Existem, todavia, outras permanências que invadiram a modernidade, como a Antiga Ordem dos Druidas, Fraternidade dos Druidas, Igreja Celta Renovada.

Atualmente, esses tipos de movimentos religiosos se acham em pleno processo de expansão, devido à decepção de muitas pessoas diante das religiões tradicionais, à tendência ao retorno a formas de pensamento e de mística naturalista, e ao renovado auge do celtismo e da sua estética musical e cultural.

Herdeiras diretas dessa tradição são as chamadas **Les Neuf Sœurs** (As Nove Irmãs), uma proeminente Loja Maçônica do Grande Oriente de França com sede em Paris. Fundada em 1776, teve influência na organização do apoio francês para a Revolução Americana. Segundo historiadores da maçonaria, seu nome se refere às nove Musas, as filhas de Mnemosine/Memória, mecenas das artes e das ciências desde a antiguidade, e muito significativo nos círculos culturais franceses.

32

No entanto, essa origem pode estar equivocada. Se a origem da maçonaria encontra-se nas *guildas* (na Inglaterra), *compagnonnage* (na França), *steinmetzen* (na Alemanha), que eram corporações de ofício comunais anteriores à hierarquização da modernidade, revelando uma prática comum a reproduzir as funções daqueles que giravam o mundo medieval, as nove irmãs devem se referir antes às nove sacerdotisas de Sena ou equivalências do que ao alegado referente grego.

Além do mais, sabe-se que essa tradição está fortemente baseada em rituais justamente por recusarem até temporalidade avançada qualquer forma de registro que não iconográfico. Recusaram a escrita que na modernidade representa centralização justamente para preservar discretamente os princípios de aclassismo, de fraternidade, de liberdade, de transmissão de práticas laborais sem hierarquia, uma vez que ao aprendiz pairava sempre a meta do mestre que ele próprio iria reproduzir.

Assim, a vinculação entre a maçonaria nos primórdios da modernidade e as ordens femininas célticas não é uma especulação bastante interessante e viável. É bem



verdade também que as práticas iluministas irão romper dramaticamente com esses princípios, mas não agora, não ainda.

Sem sombra de dúvidas, o golpe mais intenso que essas mulheres sofreram concentra-se no período conhecido como caça às bruxas. Não me parece estranho que entre os séculos XVI e XVII, tal movimento tenha produzido um número sempre inconsistente de vítimas femininas.

A **caça às bruxas** foi uma perseguição religiosa e social que começou no século XV e atingiu seu apogeu nos séculos XVI e XVII principalmente na Alemanha, na Suíça e na Inglaterra. As antigas religiões pagãs e matriarcais eram tidas como satânicas. O mais famoso manual de caça às bruxas é o **Malleus Maleficarum** (Martelo das Feiticeiras), de 1486.

- O número total de vítimas ficou provavelmente por volta dos 50 mil e certamente não mais que 100 mil (O número total de julgamentos oficiais de bruxas na Europa que são conhecidos e, de certeza, acabaram em execuções foi de cerca de 12 mil). No passado chegou-se a dizer que teriam sido 9 milhões e até hoje alguns propagam esse número totalmente equivocado.
- Embora tenha começado no fim da Idade Média, a caça às bruxas europeia foi um fenômeno da Idade Moderna, período em que a taxa de mortalidade foi bem maior.
- Embora supostas bruxas tenham sido queimadas ou enforcadas num intervalo de quatro séculos — do século XV ao século XVIII — a maioria foi julgada e morta entre 1550 e 1650, nos 100 anos mais históricos do movimento.
- O número de julgamentos e execuções tinha fortes variações no tempo e no espaço. Seria fácil encontrar localidades que, em determinado período, estavam sendo verdadeiros matadouros logo ao lado de regiões praticamente sem julgamentos por bruxaria.
- A maior parte das mortes na Europa ocidental ocorreram nos períodos e também nos locais onde havia intenso conflito entre o Catolicismo e o Protestantismo, com conseqüente desordem social.
- Ocorriam mais mortes em regiões de fronteira ou locais onde estivesse enfraquecido um poder central, com a ausência da Igreja ou do Estado. Fatores regionais tiveram papel decisivo nos modos e na intensidade dos julgamentos.
- A maioria das vítimas foi julgada e executada por cortes seculares, sendo as cortes seculares locais de longe as mais cruéis. As vítimas de cortes religiosas geralmente recebiam melhor tratamento, tinham mais chances de serem inocentadas, e recebiam punições muito leves.
- Muitos países da Europa quase não participaram da caça às bruxas, e 3/4 do território europeu não viu um julgamento sequer. A Islândia executou



apenas quatro "bruxas"; a Rússia apenas dez. A histeria foi mais forte na Suíça calvinista, Alemanha e França.

- Numa média, 25% das vítimas foram homens, assim sendo 75% das mulheres, mas a proporção entre homens e mulheres condenados podia variar consideravelmente de um local para o outro. Mulheres estiveram mais presentes que os homens também enquanto denunciantes e não apenas como vítimas.

- Benedict Capzov, luterano fanático, foi responsável pela morte de aproximadamente 20.000 bruxas, apoiando-se na "lei" do Antigo Testamento. Capzov, para condenar a morte, usava (Lv 19,31; 20,6.27; Dt 12,1-5), e citava de preferência o Êxodo (22,18); "Não deixarás viver a feiticeira".

- Até onde se sabe, algumas vítimas adoravam entidades pagãs e, por isso, poderiam ser vistas como indiretamente ligadas aos "neopagãos" atuais, mas esses casos eram uma minoria. Também é verdade que algumas das vítimas eram parteiras ou curandeiras, mas eram uma minoria. A maioria era cristã ou judia, uma vez que a população pagã era bem rara na Europa da Idade Média.

No passado os historiadores consideraram a caça às bruxas europeia como um ataque de histeria supersticiosa que teria sido supostamente forjada e espelhada pela Igreja Católica. Seguindo essa lógica, era "natural" supor que a perseguição teria sido pior quando o poder da igreja era maior, ou seja: antes de a Reforma Protestante dividir a cristandade ocidental em segmentos conflitantes. Nessa visão, embora houvessem ocorrido também julgamentos no começo do período moderno, eles teriam sido poucos se comparados aos supostos horrores medievais. As pesquisas recentes derrubaram essa teoria de forma bastante clara e, ironicamente, descobriu-se que o apogeu da histeria contra as bruxas ocorreu entre 1550 e 1650, juntamente com o nascimento da Reforma Protestante e da celebrada "Idade da Razão".

Virtualmente todas as sociedades anteriores ao período moderno acreditavam em magia e formularam leis proibindo que crimes fossem cometidos através de meios mágicos. O período medieval não foi exceção, mas inicialmente não havia ninguém caçando bruxas de forma ativa e esse contexto relativamente benigno permaneceu sem grandes alterações por séculos.

As posturas tradicionais começaram a mudar perto do fim da Idade Média. No início do século XIV, na parte central da Europa, começaram a surgir rumores e pânico acerca de conspirações malignas que estariam tentando destruir os reinos cristãos através de magia e envenenamento; falava-se de conspirações por parte dos muçulmanos e de associações entre judeus e leprosos ou judeus e bruxas. Os judeus que por toda Idade Média tiveram liberdade de religião começaram a ser vistos com desconfiança pela população. Depois da enorme devastação decorrente da peste negra (que vitimou 1/3 da população europeia em meados do século XIV) esses rumores aumentaram e passaram a focar mais em bruxas e "propagadores de praga". Depois da Peste também se espalhou aquela ideia de que o banho frequente desprotegia a pele e trazia doenças para o corpo através da água, que era supostamente contaminada por conspiradores.

Casos de processo por bruxaria foram aumentando lentamente, mas de forma constante, até que os primeiros julgamentos em massa apareceram na segunda



metade do século XV. Ao surgirem as primeiras ondas da Reforma Protestante o número de julgamentos chega a diminuir por alguns anos. Entretanto, em 1550 com o fortalecimento dos estados protestantes a perseguição cresce novamente, atingindo níveis alarmantes especialmente em terras alemãs e suíças. Esse é o período mais histórico e sanguinário da perseguição, que vai de 1550 a 1650. Depois desse período os julgamentos diminuem fortemente e desapareceram completamente em torno de 1700.

A partir de 1970 uma pequena e silenciosa revolução ocorreu na compreensão e no estudo da caça às bruxas europeia. Os historiadores passaram a estudar detalhadamente os registros históricos dos julgamentos, ao invés de confiar em relatos tendenciosos dos casos mais famosos e outras fontes menos seguras. Essa metodologia trouxe mudanças significativas na visão que se tinha do período. Por exemplo, no passado já se chegou a afirmar que nove milhões teriam sido queimadas, mas hoje se sabe que qualquer estimativa que diga que foram mais de 100 mil está muito distante da realidade. (HUTTON, 1999)

Quanto às mortes, deixo à imaginação do leitor o custo em vidas da erradicação do feminino, do matriarcado que ainda vicejava nas vilas, do papel e da importância das mulheres no sobrepasse daquilo que a partir de então ficaria conhecido como patriarcalismo ou paternalismo. Esse passado pressentido, já que impossível de ser resgatado, exceto pelo texto corrompido e pelas boas intenções, ainda vibra entre nós.

35

Antes que o **Martelo das Feiticeiras** fosse escrito e no caminho ainda embrionário da centralização da Igreja, as práticas pagãs das mulheres de aldeia já haviam sido perseguidas. Depois do **Martelo**, essas práticas passam a ser associadas a satanismo, numa clara demonstração da ineficácia do apelo contra o paganismo, já que a grande maioria das mulheres eram camponesas. Assim, o **Martelo** investe contra o domínio das mulheres, daí o alto teor sexual do livro. Nasce aí a misoginia.

Os estudos sobre o feminino não podem ser expressos totalmente sem o aval de dois pesquisadores fundamentais:

Johann Jakob Bachofen (1815 – 1887) foi um jurista e antropólogo suíço, professor de Direito romano na Universidade de Basel, de 1841 a 1845.

Bachofen é mais frequentemente associado às suas teorias sobre o matriarcado na Pré-história, ou *Mutterrecht*, o título de seu livro publicado em 1861 *Mother Right: an investigation of the religious and juridical character of matriarchy in the Ancient World*. Bachofen reuniu documentos demonstrando que a maternidade é a fonte de toda as sociedades humanas, religião, moral e



decoro. Ele teorizou sobre um "direito-de-mãe" dentro do contexto de uma religião matriarcal ou Urreligião.

Bachofen se tornou um importante precursor das teorias do século XX sobre matriarcado, tal como a teoria da Antiga Cultura Europeia postulada por Marija Gimbutas dos anos 50 e o campo da teologia feminista e dos "Estudos sobre Matriarcado", nos anos 60.

Marija Gimbutas (em lituano: *Marija Gimbutienė*, nascida Marija Birutė Alseikaitė; Vilnius, 23 de janeiro, 1921 – Los Angeles, 2 de fevereiro, 1994), foi uma arqueóloga lituana conhecida por suas pesquisas sobre as culturas do Neolítico e da Idade do Bronze da *Europa Antiga* e pesquisas avançadas sobre a religião da Deusa mãe.

Gimbutas conquistou fama e notoriedade ao publicar seus três últimos livros: "The Goddesses and Gods of Old Europe" (*As Deusas e Deuses da Antiga Europa*) (1974); "The Language of the Goddesses" (*A Linguagem das Deusas*) (1989), que inspirou uma exibição em Wiesbaden (1993/94); e o último livro "The Civilization of the Goddess" (*A Civilização da Deusa*) (1991), que apresentou uma visão das suas especulações sobre a cultura Neolítica da Europa, família, padrões familiares, estruturas sociais, arte, religião e a natureza dos conhecimentos e da alfabetização.

"The Civilization of the Goddess" (*A Civilização da Deusa*) articulou o que Gimbutas viu como diferenças entre o antigo sistema Europeu, que ela considerava como centralizado na Deusa mãe e na mulher ("matrístico") e a Idade do Bronze e um modelo Indo-Europeu patriarcal ("androcrático") que suplantou o matrístico. De acordo com esta interpretação as sociedades gineocráticas eram pacíficas, acolhiam homossexuais e esposavam igualdade econômica.

Os androcáticos, ou dominados pelos homens, por ela denominados *Kurgan*, por outro lado invadiram a Europa e impuseram sobre os nativos a hierarquia dos homens guerreiros.

Em 1956, Gimbutas apresentou a Hipótese Kurgan, que combinava estudos de arqueologia com lingüística para evidenciar problemas no estudo dos povos de língua proto-indo-europeia, que ela deu o nome de *Kurgans*. Neste trabalho, reinterpreto a pré-história à luz de seu conhecimento em linguística, etnologia e estudos sobre a história das religiões. Desafiou várias suposições tradicionais sobre o começo da cultura europeia.

As teorias de Gimbutas têm sido recepcionadas por vários autores do movimento neopagão, embora suas conclusões tenham sido classificadas como meras especulações por outros. (MANHEIM)

As ideias de Rose Marie Muraro apontam um caminho que compartilho. Mas antes, quem é Muraro?

**Rose Marie Muraro** (Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1930) é uma intelectual e feminista brasileira. Nasceu praticamente cega, sua personalidade



singular deu-lhe força e determinação suficientes para tornar-se uma das mais brilhantes intelectuais de nosso tempo.

Estudou Física, é escritora e editora. Publicou livros polêmicos, contestadores e inovadores dos valores sociais modernos. Nos anos 70, foi uma das pioneiras do movimento feminista no Brasil. Nos anos 80, quando a Igreja adotou uma postura mais conservadora, passou a ser perseguida pelos ideais. A atuação intensa no mercado editorial é fruto de uma mente libertária cuja visão atenta da sociedade pode ser comparada a de muito poucos intelectuais da atualidade. As ideias refletem-se na vida pessoal desta mulher notável; há pouco tempo, Rose Marie Muraro desafiou os próprios limites quando, aos 66 anos, recuperou a visão com uma cirurgia e viu seu rosto pela primeira vez. "Sei hoje que sou uma mulher muito bonita."

Oriunda duma das mais ricas famílias do Brasil nos anos 1930/40, aos 15 anos, com a morte repentina do pai e consequentes lutas pela herança, rejeitou sua origem e dedicou o resto da vida à construção de um novo mundo: mais justo, mais livre. Nesse mesmo ano conheceu o então padre Helder Câmara e se tornou membro de sua equipe. Os movimentos sociais criados por ele nos anos 40 tomaram o Brasil inteiro na década seguinte. Nos anos 60, o golpe militar teve como alvo não só os comunistas, mas também os cristãos de esquerda.

A Editora *Vozes* é um capítulo à parte na vida de Rose. Lá, trabalhou com Leonardo Boff durante 17 anos e das mãos de ambos nasceram os dois movimentos sociais mais importantes do Brasil, no século XX: o movimento de emancipação das mulheres e a teologia da libertação - até hoje, base da luta dos oprimidos. Nos anos 80, presenciou a virada conservadora da Igreja. E em 1986, Rose e Boff foram expulsos da *Vozes*, por ordem do Vaticano. Motivo: a defesa da teologia da libertação, no caso de Boff e a publicação, por Rose, do livro *Por uma erótica cristã*.

Rose Marie Muraro foi eleita, por nove vezes, *A Mulher do Ano*. Em 1990 e 1999, recebeu, da revista *Desfile*, o título de *Mulher do Século*. E da União Brasileira de Escritores, o de Intelectual do Ano, em 1994. O trabalho de Rose, como editora, foi um marco na história da resistência ao regime militar. Devido a este trabalho, recebeu, do Senado Federal, o *Prêmio Teotônio Vilela*, em comemoração aos 20 anos da anistia no Brasil.

Foi palestrante nas universidades de Harvard e Cornell, entre tantas outras instituições de ensino americanas, num total de 40. Editou até o ano 2000 o selo *Rosa dos Tempos*, da Editora Record.

É cidadã honorária de Brasília (2001) e de São Paulo (2004). Ganhou o *Prêmio Bertha Lutz* (2008), e principalmente, pela Lei 11.261 de 30/12/2005 passada pelo Congresso Nacional foi nomeada *Patrona do Feminismo Brasileiro*.

Sua introdução ao **Malleus Maleficarum** da Editora Rosa dos Tempos é mais que adequado ao que aqui se aponta:



“No princípio era a Mãe, o Verbo veio depois”. É assim que Marilyn French, uma das maiores pensadoras feministas americanas começa o seu livro *Beyond Powr*. E não é sem razão, pois podemos retrair os caminhos da espécie através da sucessão dos seus mitos. Um mitólogo americano, em seu livro *The Masks of God: Occidental Mythology*, divide em quatro grupos todos os mitos conhecidos da criação. E, surpreendentemente, esses grupos correspondem às etapas cronológicas da história humana.

Na primeira etapa, o mundo é criado por uma deusa mãe sem auxílio de ninguém. Na segunda, ele é criado por um deus andrógino ou um casal criador. Na terceira, um deus macho ou toma o poder da deusa ou cria o mundo sobre o corpo da deusa primordial. Finalmente, na quarta etapa, um deus macho cria o mundo sozinho. (...) (p. 8)

Antes de prosseguir, procuremos analisar o que já se tem até aqui em relação à mulher. Em primeiro lugar, ao contrário das culturas primitivas, Javé é um deus único, centralizador, dita rígidas regras de comportamento cuja transgressão é sempre punida. Nas primitivas mitologias, ao contrário, a Grande Mãe é permissiva, amorosa e não-coercitiva. E como todos os mitos fundantes das grandes culturas tendem a sacralizar os seus principais valores, Javé representa bem a transformação do matricentrismo e patriarcado.

O Jardim das Delícias é a lembrança arquetípica da antiga harmonia entre o ser humano e a natureza. Nas culturas de coleta não se trabalhava sistematicamente. Por isso os controles eram frouxos e podia se viver mais prazerosamente. Quanto o homem começa a dominar a natureza, ele começa a se separar dessa mesma natureza em que até então vivia imerso.

Como o trabalho é penoso, necessita agora de poder central que imponha controles mais rígidos e punição para a transgressão. É preciso usar a coerção e a violência para que os homens sejam obrigados a trabalhar, e essa coerção é localizada no corpo, na repressão da sexualidade e do prazer. Por isso o pecado original, a culpa máxima, na Bíblia, é colocado no ato sexual.

É por isso que a árvore do conhecimento é também a árvore do bem e do mal. O progresso do conhecimento gera o trabalho e por isso o corpo tem de ser amaldiçoado, porque o trabalho é bom. Mas é interessante notar que o homem só consegue conhecimento do bem e do mal transgredindo a lei do Pai. O sexo (o prazer) doravante é mau e, portanto, proibido. Praticá-lo é transgredir a lei. Ele é, portanto, limitado apenas às funções procriativas, e mesmo assim é uma culpa.

Daí a divisão entre sexo e afeto, entre corpo e alma, apanágio das civilizações agrárias e fonte de todas as divisões e fragmentações e homem e da mulher, da razão e da emoção, das classes... (KRAMER, 2009, p. 9-10)

Note que aqui há uma quebra dessa temporalidade tão estendida. Creio mesmo que todas essas teorias poderiam ser comprimidas para esse tempo bem mais próximo de nós, coincidindo com a centralização da Igreja e não do aparecimento do monoteísmo:



E é logo depois dessa época, no período que vai do fim do século XIV até meados do século XVIII que aconteceu o fenômeno generalizado em toda a Europa: a repressão sistemática do feminino. Estamos nos referindo aos quatro séculos de “caça às bruxas”.

Deirdre English e Barbara Ehrenreich, em seu livro *Witches, Nurses and Midwives*, nos dão estatísticas aterradoras do que foi a queima de mulheres feiticeiras em fogueiras durante esses quatro séculos. “A extensão da caça às bruxas é espantosa. No fim do século XV e no começo do século XVI, houve milhares e milhares de execuções – usualmente eram queimadas vivas na fogueira – na Alemanha, na Itália e em outros países. A partir de meados do século XVI, o terror se espalhou por toda a Europa, começando pela França e pela Inglaterra. Um escritor estimou o número de execuções em seiscentas por ano para certas cidades, uma média de duas por dia, ‘exceto aos domingos’. Novecentas bruxas foram executadas num único ano na área de Wertzberg, e cerca de mil na diocese de Como. Em Toulouse, quatrocentas foram assassinadas num único dia; no arcebispado de Trier, em 1585, duas aldeias foram deixadas apenas com duas mulheres moradoras cada uma. Muitos escritores estimaram que o número total de mulheres executadas subia à casa dos milhões, e as mulheres constituíam 85% de todos os bruxos e bruxas que foram executados”.

Outros cálculos levantados por Marilyn French, em seu já citado livro, mostram que o número de mulheres queimadas vivas é de cem mil [...] (*ibidem*, p. 13).

39

---

A indústria cultural do século XX, que tudo revisita, parece evocar justificativas para esse massacre. Ora com maior complexidade, como no filme de 1973, *O Homem de Palha*, e sua refilmagem de 2006, que saiu por aqui com o título *O Sacrifício*, ora de modo mais simplista, como e *As Bruxas de Salém*, filme de 1996, baseado na peça de Arthur Miller.

E as razões apontadas por Muraro são também coincidentes:

Desde a mais remota antiguidade, as mulheres eram as curadoras populares, as parteiras, enfim, detinham saber próprio, que lhes era transmitido de geração em geração. Em muitas tribos primitivas eram elas as xamãs. Na Idade Média, seu saber se intensifica e aprofunda. As mulheres camponesas pobres não tinham como cuidar da saúde a não ser com outras mulheres tão camponesas e tão pobres quanto elas. Elas (as curadoras) eram as cultivadoras ancestrais das ervas de devolviam a saúde, e eram também as melhores anatomistas do seu tempo. Eram as parteiras que viajavam de casa em casa, de aldeia em aldeia, e as médicas populares para todas as doenças.

Mais tarde elas vieram a representar uma ameaça. Em primeiro lugar, ao poder médico, que vinha tomando corpo através das universidades no interior do



sistema feudal. Em segundo, porque formavam organizações pontuais (comunidades) que, ao se juntarem, formavam vastas confrarias, as quais trocavam entre si os segredos da cura do corpo e muitas vezes da alma. Mais tarde, ainda, essas mulheres vieram a participar das revoltas camponesas que precederam a centralização dos feudos, os quais, posteriormente, dariam origem às futuras nações.

O poder disperso e frouxo do sistema feudal para sobreviver é obrigado, a partir do fim do século XIII, a centralizar, a hierarquizar e a se organizar com métodos políticos e ideológicos mais modernos. A noção de pátria aparece, mesmo nessa época (Klausevitz).

A religião católica e, mais tarde, a protestante contribuem de maneira decisiva para essa centralização do poder. E o fizeram através dos tribunais da Inquisição que varreram a Europa de norte a sul, leste a oeste, torturando e assassinando em massa aqueles que eram julgados heréticos ou bruxos.

Esse “expurgo” visava recolocar dentro de regras de comportamento dominante as massas camponesas submetidas muitas vezes aos mais ferozes excessos dos seus senhores, expostas à fome, à peste e à guerra e que se rebelavam. E principalmente as mulheres.

Era essencial para o sistema capitalista que estava sendo forjado no seio mesmo do feudalismo um controle estrito sobre o corpo e a sexualidade, conforme constata a obra de Michel Foucault, *História da Sexualidade*. Começa a se construir ali o corpo dócil do futuro trabalhador que vai ser alienado do seu trabalho e não se rebelará. A partir do século XVII, os controles atingem profundidade e obsessividade tais que os menores, os mínimos detalhes e gestos são normatizados. Todos, homens e mulheres, passam a ser, então, os próprios controladores de si mesmos a partir do mais íntimo de suas mentes. É assim que se instala o puritanismo, do qual se origina, segundo Tawnwy e Max Weber, o capitalismo avançado anglo-saxão. Mas até chegar a esse ponto foi preciso usar de muita violência. Até meados da Idade Média, as regras morais do cristianismo ainda não tinham penetrado a fundo nas massas populares. Ainda existiam muitos núcleos de “paganismo” e, mesmo entre os cristãos, os controles eram frouxos.

As regras convencionais só eram válidas para as mulheres e homens das classes dominantes através dos quais se transmitiam o poder e a herança. Assim, os quatro séculos de perseguição às bruxas e aos heréticos nada tinham de histeria coletiva, mas, ao contrário, foram uma perseguição muito bem calculada e planejada pelas classes dominantes, para chegar a maior centralização e poder. (KRAMER, 2009, p. 14-15)

Mais recentemente, encontramos ainda vestígios desse matriarcado. Em seu texto **Breves considerações sobre o feminino celta: entre a mulher sol e a mãe de Deus**, Mônica Amim (doutoranda em literatura comparada – FL/UFRJ), afirma o seguinte:



Notamos que há um diferencial importante entre as sociedades celtas e as outras de origem indo-europeia: o conjunto de normas relativas ao casamento. As mulheres eram livres para escolherem seus maridos e as famílias não podiam casá-las contra sua vontade, sendo necessário, porém, haver acordo entre as famílias dos futuros cônjuges. Na literatura de origem celta, encontramos a personagem Rhiannon – por exemplo – em duas narrativas do *Mabinogion* (conjunto de histórias galesas medievais composto de onze narrativas): em *Pwyll, príncipe de Dyfed* e em *Manawydan, o filho de Lyr*. No primeiro conto, ela se recusa a casar com o pretendente escolhido pelo pai, e utiliza uma série de estratégias para que aceitem aquele que ela deseja, Pwyll. Na outra história, anos depois, ela já está viúva com um filho adulto, e este tem que consultá-la antes de concretizar a união dela com seu amigo Manawydan. Em outra narrativa do *Mabinogion*, intitulada *O sonho de Macsen Wledig*, a personagem Elen ao se casar com o imperador Macsen pede – e recebe – como dote por sua virgindade as terras da Ilha da Britânia.

Pesquisadores como Françoise D’Euabonne (**As mulheres antes do matriarcado**), Jean Markale (**La femme celte: mythe et sociologie**), dentre tantos outros nos fornecem pistas cuja atualidade é desconcertante. A possibilidade de ler esses textos numa dinâmica não tão distante no tempo nos anima a inferir sobre as circunstâncias do aparecimento do patriarcado.

41

Mas esse conjunto de textos pode, quando muito, abrir nosso apetite para especulações mais ousadas quanto ao papel do feminino numa realidade ainda não tomada por estruturas organizativas hierarquizadas, em que as relações, necessariamente, deveriam ser colocadas em alguma ordem fundamentada pela escritura.

Essa escritura, todavia, não era mais o registro icônico sagrado que a todos diz respeito, que compartilha signos atávicos cuja forma encontra-se ali, e em todo canto. A nova escritura passa necessariamente pela transformação da língua em signos que alguém deve ensinar a alguém, já que suas formas não mais compactuam com as formas da natureza.

Talvez por isso essa nova forma de expressão necessite de uma gramática e de uma moral próprias. Além de uma forma de reprodução mecânica que representaria um fantástica ruptura na ordem do cosmo. Desse modo, a invenção do latim escrito provocaria uma enxurrada de outras centralizações. O italiano escrito de Dante, o



espanhol escrito de Cervantes, o português escrito de Camões, o alemão escrito de Lutero, etc. Praticamente todas as gramáticas européias foram escritas entre 1437 e 1586.

*Ab* ou *ib*, o coração materno, mas também as duas primeiras letras do alfabeto grego e hebraico, mas também útero e casa, pai e mãe. Entre os egípcios, *ib* é o coração da mãe para a criança, enquanto *ab*, o coração do deus.

Mas ao inscrever a passagem da idéia metafísica para a usurpação gráfica do termo, ou seja, o *ib* do coração para o *aleph* ou *alpha*, e o *ab* ao *bet* ou *beta*, o pai, há uma ruptura nada sutil dos elementos.

A escrita é entendida por essas forças “da natureza”, forças eminentemente femininas como uma usurpação.

De modo geral, todas essas gramáticas foram criadas para dialogar com o latim escrito também criado nesse mesmo momento.

Leon Battista Alberti escreveu a *Grammaticetta Vaticana* entre 1437 e 1441, que só seria publicada em 1908. Antes disso, os linguistas queriam mostrar que tanto Giovanni Francesco Fortunio, autor de *Língua vulgar della grammaticali de Regole*, de 1516, quanto Pietro Bembo, *Prose en Língua vulgar*, de 1525, tentavam estabelecer uma norma que qualificasse o dialeto transformando na língua italiana.

A primeira gramática espanhola foi a *Gramática Castellana*, de 1492, escrita por Antonio de Nebrija, produzida supostamente a fim de facilitar o estudo do Latim, língua nova no cenário europeu do período.

Já a primeira gramática (metódica) do francês não foi escrita na França, mas na Inglaterra. Em 1530, John Palsgrave escreveu *Françoysse de Lesclarcissement de La Langue*, baseada na gramática do grego escrita pro Theodorus Gaza em 1495. Na Alemanha, a primeira gramática, Valentin Ickelsamer escreveu *Ein Teütsche Grammatica* em 1534.

Willian Bullokar escreve em 1586 o Panfleto para a gramática, primeira gramática inglesa apropriada, precedida de perto pela instrução da língua mãe na Inglaterra, *a primeira parte elementar*, de 1582, de Richard Mulcaster. Em ambos os casos, queria-se provar que o inglês, como o latim, era governado por regras.



Uma vez definidas as regras para essas línguas, aparecem os dicionários vernaculares<sup>3</sup>. Alguns deles e as datas da coincidência: Italiano/francês - Nathanael Duez: **O italiano e francese/Dictionnaire de Dittionario italien et François**, Leiden, 1559-1560; - Gabriel Pannonius: **Françoise et italienne do langue do en do vocabulaire de Petit**, Lyon, 1578; - Jean Antoine Fenice: **Os fraçois de Dictionnaire et italien**, Paris, 1584. Italiano/inglês - John Florio: **Um mundo das palavras**, Londres, 1598; - John Florio: **Mundo novo das palavras da rainha Anna**, Londres, 1611. Italiano/espanhol - Cristobal de las Casas: **Castellana da toscana y Vocabulario de las dos lenguas**, Sevilha, 1570; - Lorenzo Franciosini: **Vocabulário do Italiano para o espanhol e do espanhol para o italiano e spagnolo**, Roma, 1620. Italiano - Francesco Alunno: **Volgare do lingua do della de Le ricchezze**, 1543; - Francesco Alunno: **La fabbrica del mondo**, 1548; - Giacomo Pergamini: **Italiana do lingua do della do memoriale de Il**, 1602; - Della Crusca de Accademia: **Vocabulário de Accademici Della Crusca**, 1612. Espanhol - Sebastián de Covarrubias Orozco: **Tesoro de la lengua española e castellana**, 1611. Francês - Maurice de la Porte: **Epitheta**, 1571; - Jean Nicot: **Fracoyse de Thresor de la langue, moderne tant do que do ancienne**, 1606; - Pierre Richelet: **Dictionnaire et choses contenant dos les Mots dos les dos François**, 1680; - Française de Académie: **Dictionnaire de l' française de Académie**, 1694. Alemão - Georg Heinisch: **Und Weißheit de Teütsche Sprache**, 1616; - Johann Christoph Adelung: **O vollständigen eines Versuch grammatisch-kritischen Wörterbuches Der Hochdeutschen Mundart**, 1774-1786.

43

Logicamente, a reação dos participantes de um mundo totalmente diverso deste que estava emergindo não demorou a se manifestar.

Para o que nos interessa aqui, centrarei foco na reação dos iniciados na magia, chamados no texto a seguir de *Adeptos*.

No entanto, esses mesmos Adeptos são os primeiros a reconhecer e a denunciar a armadilha contida nesse conselho de leitura, contra o que os mais

<sup>3</sup> Esse termo só apareceu a partir do século XIX.



“caridosos” têm cuidado de prevenir seus discípulos, como o faz Nicolas Grosparmy que, no século XV, no “Abrégé de Theórique” de seu *Le Tresor des trésors* confessa suas próprias desventuras: “... e estudei vários livros em que a ciência está contida de duas formas, uma falsa e outra verdadeira, a verdadeira misturada à falsa; seguindo esses livros pelo espaço de doze anos, ou quase isso, antes de uma certa forma e depois de outra, e nada tendo encontrado, vi-me quase totalmente nu e desprovido de meios para viver...pois mesmo que um homem possua inteligência boa e natural, e tenha lido todos os livros que pertencem a essa ciência, e feito todos os ensaios que um homem pode fazer, não obstante tudo isso, não chegará ao fim desse segredo se não for da seita dos filósofos, ou se não for por alguns desse nela introduzido e guiado, como se diz; pois para aquele que por si mesmo o encontra, isso é grande milagre, grande segredo e tesouro encantados; é por isso que os filósofos antigos, pela vontade de Deus reinando em seus corações, fizeram livros obscurecendo essa ciência”.

Outros vão ainda mais longe, a ponto de proclamar a inutilidade dos tratados, e até mesmo seu caráter pernicioso. Ao título dado por Michel Maier à décima primeira figura de seu *Atalanta fugiens*: “Branqueai Latona e rasgai vossos livros”, responde o segundo aforismo de *Science écrite de tout l’art hermétique*, escrito em 1720 por um desconhecido. “Não é a leitura dos filósofos que constitui o filósofo; é, antes de tudo, a prática, precedida pelas descobertas de um amigo fiel, que nos demonstre a arte”.

O “Habitante do Norte” é ainda mais severo: “... enquanto seguirem as pistas marcadas em seus livros, vocês jamais atingirão o objetivo a que se propõem...Os autores em quase nada nos ajudam a descobrir essas coisas, pois apagaram tão cuidadosamente as pistas que enganam os próprios jovens que duvidam da verdade”.

Mas é, sem dúvida, o autor anônimo do *Filete d’Ariadne* que se mostra mais explícito a esse respeito: “Digo-lhes mais uma vez que eles jamais aprenderão essa ciência sublime por meio de livros, e que ela só pode ser aprendida por revelação divina; é por isso que ela é chamada de arte divina; ou então por meio de um mestre bom e fiel; e como são muito poucos aqueles a quem Deus concedeu essa graça, também são poucos os que a ensinam... Os Sábios não se fazem de rogados, eles confessam francamente que escreveram apenas para os Filhos da Ciência...Escreveram apenas, dizem eles, para dar àqueles que têm, e tirar daqueles que não têm, conforme as palavras da Escritura: “*Habent dabitur; ab e o autem qui no habet, etiam quod habes auferatur ab eo*”. É o que Nicolas Flamel já declarava no segundo capítulo de *O livro das figuras hieroglíficas*: “Que ninguém, pois, me critique, se não me entende facilmente, pois será mais criticável que eu, visto que, não estando iniciado nessas sagradas e secretas interpretações do primeiro agente (que é a chave que abre as portas de todas as ciências), ainda assim quer entender as concepções mais sutis dos filósofos muito invejosos, que foram escritas apenas para aqueles que já conhecem esses princípios, que não se encontram jamais em livro algum, pois eles os aprenderam, de viva voz, por intermédio de um mestre por tradição cabalística, o que acontece muito raramente”. (ROGER, 1992, p. 46-47)



Mas também me parece óbvio que mesmo aqueles que estavam distanciados das questões mágicas ou alquímicas tenham sentido a presença do livro como um novo avatar a que poucos tinham acesso. E os decretos e bulas papais como um martelo sobre a volição da vida.

O livro era, por essa época, indissociável das práticas de erradicação, já que era por seu intermédio, pela escrita, que se torturava e que se executava, tendo dois livros como fundamento: o *Maleus Maleficarum* e a própria Bíblia. E a forma preferencial tinha sido o holocausto, a expiação de pecados por incineração. Segundo o Levítico, o acesso a Deus deveria ser atingido por meio de sacrifícios e oferendas.

As mulheres receberam, por seu papel e importância nas tribos, o peso maior desses sacrifícios.

Particularmente no século XVI, no auge da repressão religiosa e da perseguição inquisitorial, diversas correntes trataram de revigorar as crenças pagãs em oposição à ortodoxia cristã dominante.

45

Nesse sentido, estas seitas neodruídicas têm um fundo ideológico apegado à magia natural e ao culto panteísta à natureza, que acabaria por se consagrar oficialmente em 1717 com a chamada *Druid Order*.

Essas mulheres entraram pela modernidade e ainda mais no processo de colonização do mundo, esbarrando em práticas mágicas, sinapismos, benzeção, práticas divinatórias e de adivinhação. Nunca foram completamente erradicadas. No nordeste brasileiro, o SUS, sistema único de saúde, contrata benzedeadas para o atendimento de inúmeras doenças e traumas.

Precisamos estabelecer as diferenças básicas entre a alquimia e a magia.

Mircea Eliade parece acertar quando afirma que a alquimia está intimamente ligada ao fogo e, principalmente, à questão dos metais em sua ígnea metamorfose e transmutação. Assim, esse esforço que parece ter nascido com os ferreiros acabaria criando uma raiz na química moderna. Essa ligação entre a arte da manipulação do fogo e as prestidigitações da artesanaria química já no mundo da ciência moderna é conduzida pela alquimia.



A magia, no entanto, é outra coisa. Em primeiro lugar, a magia tem um profundo significado ritualístico e cerimonial, sendo, ao contrário da alquimia, profundamente intuitiva em sua conexão com as forças primais da natureza. Sua evocação, seu sentido divinatório, faz com que sejam as mulheres, as grandes matriarcas, as que melhor traduzem tais mensagens. Não por acaso, todos os oráculos sejam femininos. Todas as sacerdotisas, que se atribuem *o fato de informar*, ou *o fato de falar*, característica fundamental dos aspectos oraculares de seus ofícios, consagram a oralidade como uma parte inseparável da mancia, que caracteriza o *entusiasmo*, ou seja, *aquele que tem deus em si*. O animismo, portanto, é a grande característica da magia.

Talvez por isso mesmo a manteia, a arte divinatória, só possa ser adquirida por meio da *incubação*, ou seja, transmitida aos mortais pelo sonho, após uma noite passada no solo. Assim, a profetisa, aquela que fala em lugar dos deuses, ou da natureza, acabaria por confundir-se com Hermes na modernidade teórica da hermenêutica.

Entre os celtas, com seu matriarcado poderoso, esse papel era conduzido exclusivamente por mulheres<sup>4</sup>. (EVANS-PRITCHARD, 2005)

46

A magia diz muito de perto tanto da simpatia quanto das similaridades, uma vez que o humano e a natureza, enquanto dura sua soberania, são uno, impossível de dissociação.

Assim, as tradições de santeria (adoradoras da *santa muerte*) tipicamente femininas do México, das parteiras e benzedoras do Brasil, das seguidoras da Deusa-Rainha que é três, Hecatae, da Deusa-mãe celta, de Diakosmos, a determinação da Deusa, da deusa oriental Isis, de Cybele, da Ásia menor, das leitoras de Tarot de todos os cantos, de todas as curandeiras, e todas as deusas da fertilidade que se manifestam em inúmeras culturas, Afrodite, Aramazd, Aveta, Genii Cucullati, Inanna, Ishtar, Makemake, Taweret, Eostre, Damona, Epona, Matres, Nehalennia, Vajravahari, Oxum, Astarte, Bona Dea, Akna, Pinga (do povo Inuíte), Xipe Totec, Orixá Oko, Cernunnos, Reia (Terra ou Fluxo), a mãe de todos os deuses, Cibele, Anuket, Bes, Khnum, Hapi, Min, Meskhenet, Nefertum,

---

<sup>4</sup> Nesse texto, o autor confere as aproximações que podemos fazer também para o caso americano, sejam os astecas e os maias ou os indígenas amazônicos.



Ptah, Satet, Sekhmet, Fréia, Titânia, Valquirias, Yoni, Shakti, dentre tantas outras que jamais chegaremos a conhecer, seriam extensões e permanências de um tempo muito anterior que ainda está plenamente vitalizado no nosso.

A meu ver, de todas estas representações do feminino, a que mais sobressai por sua vidência é a conjunção de duas deusas matrizes: *Fors* e *Fortuna*. *Fors*, a que traz, mais próxima da *providência*, e *Fortuna*, ligada mais diretamente à fertilidade, à agricultura e às mulheres. Deusas do acaso. Em algum momento do final da Idade Média, fundem-se numa só e avisam os usurpadores: *Hortus Deliciarum*, representação feita supostamente pelas monjas do mosteiro de Odile, em Hohenbourg, na Comuna de Wingen, no Bas-Rhin, hoje território francês, de data improvável.

Seus quatro estágios simbolizados pelos quatro personagens em torno da Roda: *regnabo* (“eu devo reinar”: figura em cima, do lado esquerdo da Roda, com o braço direito erguido), *regno* (“eu reino”: figura em cima da roda, frequentemente coroada, para significar o reinado), *reganvi* (“eu reinei”: figura que está do lado direito da roda, caindo da graça), *sum sine regno* (“eu não tenho reino”: figura na base da roda que perdeu completamente os favores da *Fortuna*. Era um aviso ao poder do masculino que avançava rápido sobre as vilas.

47

Nesse mesmo movimento, encontramos entre a coletânea de obras anônimas datada do início do século XIV e provenientes da abadia bávara de Benediktbeuern, as canções de *Carmina Burana*, essa exaltação da natureza e do feminino que acolhe todo o esplendor de uma época que testemunhava a fusão tranquila desses elementos geradores num alerta à ambição dos homens em sua busca pela mudança. A mudança é, segundo essa tradição, uma maldição, um *perpetuum mobile* incontrolável, já que a mudança é centralização.

Está entre as faculdades pré-cognitivas das vestais tribais celtas, símbolo máximo da maternidade e da fecundidade. Nessa imagem, uma delas move a roda com um irônico sorriso nos lábios.

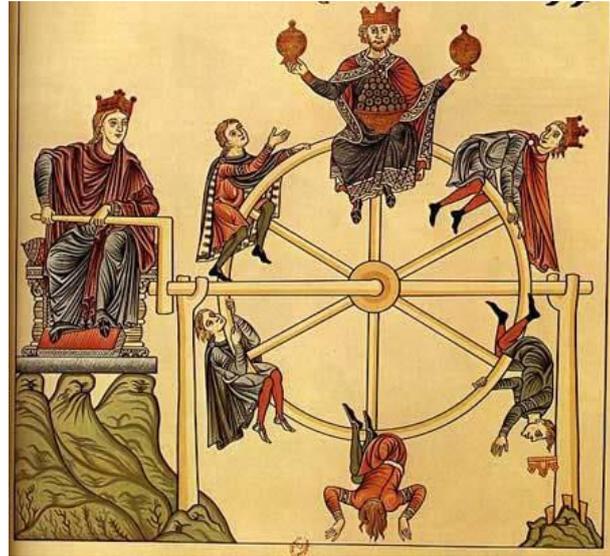


Figura 1

La Roue de la Fortune. Calque de Miniatures de l'*Hortus Deliciarum* de Herrade de Landsberg, Paris: Bibliothèque Nationale de France (Dept. Estampes Ad 144 a)

De fato, o círculo está na base de toda a cultura celta. No plano da criação da vida encontra-se *abred*, o círculo interior, onde pulsa o gérmen de todas as coisas vivas; o *gwenved*, ou círculo do centro da beatitude e o *keugant*, ou círculo exterior, lugar de deus. Para isso, consideravam cinco elementos que sustentam a vida: *Kalas*, a Terra/Deusa, *gwyar*, a humildade, *fun*, o ar, *unvel*, o fogo, *nwyvre*, o espírito.

Todavia, para esse nosso estudo, o caso mais aproximado e que estabeleço algum diálogo com o manuscrito é o das Hamadriades.

Na mitologia grega, as Hamadriades são as oito filhas do casamento de Óxilo, filho de Óreas com Hamadriade, sua própria irmã: *Carya*, *Balanus*, *Crania*, *Morea*, *Aeigirus*, *Ptelea*, *Ampelus* e *Syce*. As hamadriades são ninfas que nascem com as árvores, devendo protegê-las, e com as quais partilham o destino. Calímaco, conta no seu Hino a Delos, que a disposição e temperamento destas deidades variava em conformidade com a das suas protegidas (árvores), dispensando-se em prantos quando da queda das folhas ou da estridente alegria à chegada das chuvas da primavera sobre a juventude das verdes folhagens.

E se em algumas lendas poderia viver durante “cerca de dez vidas de palmeiras”, ou 9720 anos, em outras versões, a morte anunciava-se-lhes com as das suas árvores.

Existem lendas que descrevem o poder vingativo de que estas Ninfas eram capazes sobre aqueles que ameaçavam as suas árvores (*Chrysopelia*), outras



histórias falam-nos dos castigos que caíam sobre aqueles que as cortassem ou desdenhassem das orações atribuídas a estas deidades (Erysichthon) consideradas como intermediárias entre mortais e imortais<sup>5</sup>.

Recordo as nove sacerdotisas de Sena, no mar britânico, bem próximo da Floresta de Kelp, que hoje repousa no fundo do mar, mencionada no início deste trabalho e as monjas de Santa Brígida, a conservar o fogo perpétuo. As ligações estão por toda parte, para muito além do desejo dos escribas. Aliás, é este holismo<sup>6</sup> que marca o tempo anterior à modernidade. Considere, portanto, todas estas conexões e a incapacidade do historiador, quatrocentos anos depois, de dispersar tudo isso e encaixar os fragmentos em locais apropriados para o seu bom senso e sua lógica peculiar. Tento aqui exatamente desfazer essa lógica, comprimindo o tempo passado e aproximando os vestígios e as evidências de modo subjetivo mas não totalmente irresponsável.

Em inúmeras tribos europeias existiam representações como as que podemos encontrar entre os Paiute, os *Arcos de Linho*, representações criadas com perfeita simetria para proporcionar plena harmonia entre o grupo.

49

Poderíamos afirmar, então que a alquimia seria a transmutação da matéria por meio de agentes físicos e químicos, numa transformação intrínseca dos elementos. Já a magia trata muito mais da mutação, seja dos elementos teriantrópodes, seja das metamorfoses mais ordinárias das plantas e animais como a borboleta. A magia necessita sempre do caldeirão, pois encontra na metamorfose das plantas sua razão de existência.

Goethe pontificou que não se busque a natureza da planta na sua aparência, o seu mistério encontra-se além disto. Imbuído desta ideia, um pensamento ousado começou a assaltar a sua mente: era possível desenvolver todas as plantas a partir de uma só.

Goethe não se entregava à sua inspiração poética e esta ideia transformou a ciência botânica e toda a concepção do mundo: este foi um dos primórdios da ideia da EVOLUÇÃO!

Sua chave? A metamorfose, que abriria o código da natureza.

<sup>5</sup> Wikipédia.

<sup>6</sup> A palavra foi criada por Jan Smuts, primeiro-ministro da África do Sul, no seu livro de 1926, *Holism and Evolution*, que a definiu assim: "A tendência da Natureza, através da criatividade, é a de formar "todos" maiores do que a soma de suas partes".



A diferença entre os futuros princípios de Darwin e os de Goethe é a seguinte: Darwin presumiria que influências externas (causas mecânicas) agindo sobre a natureza de um organismo o modificariam. Goethe intuía que "as alternativas ímpares eram várias expressões de um organismo arquetípico (uroorganismos) que possuiria em si a capacidade de assumir formas multifárias e que em determinado momento a assumiria aquela que melhor se adequasse às condições de seu meio ambiente."

Goethe expôs as suas ideias em um primeiro ensaio: "Sobre a metamorfose das plantas", a origem do estudo da morfologia vegetal, entretanto, por ser muito revolucionário recebeu a negativa do seu editor em publicá-lo. O editor alegou que o cliente era um literato e não um cientista. O mesmo pensaram o seu público e os cientistas, o que muito desgostou o autor. Goethe só conseguiu triunfar sobre a ortodoxia reinante 18 anos após o Congresso de Viena e a sua aceitação como genial colaborador da Ciência da Botânica só se deu três décadas adiante. Goethe forneceu outro conhecimento básico a esta ciência: o crescimento da vegetação de dois modos distintos - vertical e espiraladamente - uma década antes de Darwin abordar o mesmo assunto.

"Quando entendermos que o sistema vertical é definitivamente masculino e o espiralado feminino, seremos capazes de conceber o caráter andrógino de toda a vegetação. No decurso da transformação de crescimento, os dois sistemas se separam e tomam rumos opostos para depois reunirem-se a um nível mais alto." Goethe<sup>7</sup>.

Penso que não se trata de evolução, como quer esse autor, mas de metamorfose mesmo, que está ancorada em outro princípio, a saber, da permanência, ao contrário da evolução, que se baseia fundamentalmente numa ideia de rupturas e aprimoramentos (leia-se "melhorias"), tão típicas do positivismo do século XIX.

A maior prova de que se trata mesmo de permanência, muito contrária à ideia modificadora de "evolução", é a chamada hipótese Gaia, desenvolvida por Goethe, "Na sua velhice Goethe concebeu a terra como sendo viva, um organismo animado como um animal e uma planta, dotada de um mesmo ritmo de inspiração e evaporação, constantemente inalando e exalando" (idem).

Ao contrário disso, o princípio teórico da evolução acabaria sendo incorporado pelo princípio equivalente de progresso e de desenvolvimento, o que acabaria levando o planeta para o beco sem saída da destruição que assistimos atualmente.

<sup>7</sup> Goethe, poesia e ciência. <http://www.jornalininfinito.com.br/series.asp?cod=13>



Essa diferença fundamental entre o pensamento de Darwin e de Goethe foi apontada com precisão por Rudolf Steiner:

Foi de observações similares às de Goethe que Darwin partiu para afirmar sua dúvida sobre a constância das formas externas dos gêneros e espécies... Enquanto Darwin considerou que toda a natureza do organismo se encontrava de fato compreendida nessas características, concluindo, por conseguinte, que nada há de constante na vida da planta, Goethe foi mais longe e inferiu que, sendo inconstante as características, o que há de constante deve ser perseguido em algo que repousa por trás das exterioridades mutáveis.

A arque-planta (planta primordial) goetheana está, enfim, na base das plantas ideais contidas no manuscrito de Voynich.

Em geral, a ciência natural só aceita como realidade o que se pode contar, medir e pesar. Além disso, tem como pressuposto que nas condições primitivas dos períodos primordiais da terra, as leis da natureza eram as mesmas de hoje. Os organismos do presente se desenvolveram das formas mais primitivas por influências físicas e químicas. Estas leis são, em conexão à matéria, os geradores do mundo e suas criaturas<sup>8</sup>.

51

Sabemos que Goethe nutria profundo horror à ideia de progresso. Sua obra maior, o *Fausto*, é um libelo e um alerta contra a ideia de desenvolvimento.

A diferença assustadora entre a alquimia e a magia é a transmutação do fogo e a metamorfose das plantas. São radicais muito diferentes.



<sup>8</sup> <http://espacastrologico.org/2011/07/24/a-relacao-entre-plantas-e-planetas/>



Uma obra importante para a compreensão dessa linhagem feminina são os quatro livros da série *As Brumas de Avallon*.

Dito isto, creio que podemos avançar para o ponto fundamental desse ensaio: o manuscrito de Voynich, tido como o mais misterioso livro já escrito até hoje.

O manuscrito de Voynich foi provavelmente produzido nesse resgate, ainda no século XVI.

Manuscrito Voynich é um misterioso livro ilustrado com um conteúdo incompreensível. Imagina-se que tenha sido escrito há aproximadamente 400 anos por um autor desconhecido que se utilizou de um sistema de escrita não-identificado e umalíngua ininteligível. É conhecido como "o livro que ninguém consegue ler".

Ao longo de sua existência registrada, o manuscrito Voynich tem sido objeto de intenso estudo por parte de muitos criptógrafos amadores e

profissionais, incluindo alguns dos maiores decifradores norte-americanos e britânicos ao tempo da Segunda Guerra Mundial (todos os quais falharam em decifrar uma única palavra). Esta sucessão de falhas transformou o manuscrito Voynich num tema famoso da história da criptografia, mas também contribuiu para lhe atribuir a teoria de ser simplesmente um embuste muito bem tramado – uma sequência arbitrária de símbolos.

A teoria hoje mais aceita é de que o manuscrito tenha sido criado como arte no século XVI como uma fraude. O fraudador teria sido o mago, astrólogo e falsário inglês Edward Kelley com ajuda do filósofo John Dee para enganar Rodolfo II da Germânia (do Sacro Império Romano-Germânico).

O livro ganhou o nome do livreiro polaco-estadunidense Wilfrid M. Voynich, que o comprou em 1912. A partir de 2005, o manuscrito Voynich passou a ser o item MS 408 na Beinecke Rare Book and Manuscript Library da Universidade de Yale. A primeira edição fac-símile foi publicada em 2005 (*Le Code Voynich*), com uma curta apresentação em francês do editor, Jean-Claude Gawsewitch.





Estas informações são conseguidas na Wikipédia sem muito esforço. No entanto, uma breve pincelada no próprio manuscrito pode nos dizer mais que estas palavras. Vejamos primeiramente sua escritura indecifrável.

Genericamente, o manuscrito mantém diálogo entra imagem e escritura. Se a escritura é indecifrável, as imagens, por outro lado, contam uma história. E embora as plantas não sejam “deste mundo” como afirmam tantos, traduzem questões imperativas para uma interpretação possível. O desenho acima apresenta características únicas para um botânico. Na mesma planta podemos identificar botões que ainda medrarão em folhas e flores, folhas amarelas, que indicam um estágio avançado de amadurecimento e folhas verdejantes, da vibração da primavera.

Efetivamente, uma planta não contempla essas três tempos diversos, mas pode muito bem representar o tempo da vida. Nas comunidades europeias que ainda existiam no século XVI, o tempo ainda não podia ser representado linearmente, mas era um tempo circular, em que passado, presente e futuro conviviam harmoniosamente num só instante.



Historiadores daquele tempo como Grotius e Puffendorf afirmavam que o passado era exatamente igual ao presente. Não existia, portanto, nenhuma ideia de anacronismo.

Logo abaixo, as duas imagens se complementam (imagem ao lado).

Efetivamente, só existem duas figuras que se repetem em todo o manuscrito: plantas e mulheres e ao que tudo indica, a integração desses dois elementos é tão intensa que a mesma ramificação planetária que conecta todas as plantas por raízes infinitas, também conecta todas as mulheres.



Para isso, nada melhor que o círculo dialógico e integrador como um símbolo de sociabilidades anteriores à modernidade, sendo que este círculo, como devia ser, prescinde de um centro, mas, tal qual a marcha dos pinguins, abriga a todos em sua generosa disposição:

E por toda parte, numa rede aparentemente infinita, as vibrações coletivas e sempre diversas, mas jamais hierarquizadas.

Desse modo, não somente os vasos comunicantes liga por seus canículos uma infinidade de plantas e mulheres, mas uma vasta rede intercomunicativa explode e vitalidade infinitos vórtices de elementos misteriosos.

Dentre aqueles suspeitos de terem elaborado o manuscrito encontra-se Roger Bacon. Segundo estudiosos, Bacon não era apenas um alquimista, mas era também um mago, no sentido de que estaria envolvido com a evocação de anjos. Nesse sentido, polemizou com seus colegas acadêmicos acerca da esterilidade que a ciência estava assumindo.

54

Já John Dee (1527-1608), o inventor do Império Britânico, médico e mago da Rainha Elizabeth I, também esteve sob suspeita de ter produzido o manuscrito. Aparentemente, o manuscrito foi primeiramente vendido ao frágil imperador Rudolph II (1552-1612) do Sacro Império Romano Germânico ainda no século XVI.

Daniel Harms, em seu interessante livro acerca dos elos que ligam o manuscrito e os mitos de Ctulhu, nos oferece uma primeira trajetória do manuscrito nestes termos:

Entre 1584 e 1588, Dee visitou Praga várias vezes como convidado de Rudolph II. Sabe-se que Dee tinha muito interesse em Criptografia, e possuía uma grande coleção de livros que pertenceram a Roger Bacon em sua biblioteca. Além disso, durante sua estadia em Praga, Dee mencionou em um de seus diários o pagamento de 630 ducados, aproximadamente o mesmo valor desembolsado por Rudolph II para comprar o livro.

Alguns também afirmam que a caligrafia usada para numerar as páginas do livro é muito semelhante a letra de Dee. Então seria possível que o manuscrito tivesse chegado às mãos do Imperador através de Dee.

Após seu surgimento em Praga, o manuscrito se tornou conhecido na corte. Testes revelaram que a assinatura de Jacobus de Tepenecz, um botânico e alquimista à



serviço de Rudolph II, está na primeira página do livro. Acredita-se que o Imperador tenha emprestado o livro a Tepenez por volta de 1610 para que ele tentasse traduzir suas páginas e que por ocasião da morte de Rudolph o livro tenha ficado com o botânico.

Ele então passou por várias pessoas, até ser deixado como herança para um filósofo italiano chamado Joannes Marcus Marci (1595-1667). Pouco antes de morrer, Marci enviou o manuscrito para seu amigo Athanasius Kircher (1602-1680). Kircher foi o criador da "Lanterna Mágica" (um tipo de ancestral do projetor de slides) e era considerado um expert em criptografia. Ele tentou sem sucesso decodificar o Manuscrito Voynich e antes de sua morte o livro desapareceu sem deixar vestígios.



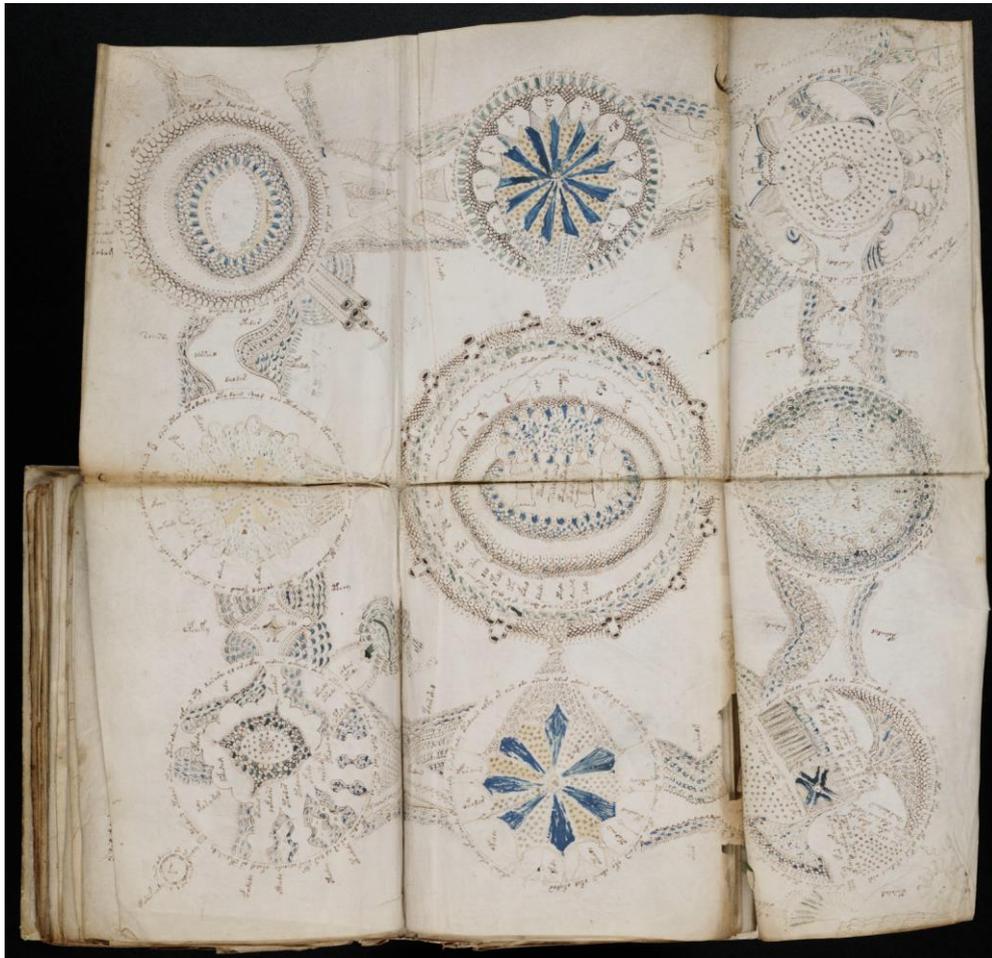
No entanto, tais especulações são exercícios fúteis já que nada, nenhuma evidência tem sido minimamente aceita.

Diante do hermetismo tanto acerca da origem do manuscrito quanto de seu conteúdo, um trabalho de hermenêutica pode abrir algumas portas da percepção. Resta-nos o círculo.

Além das plantas, o círculo é uma constante em sua iconografia. Ora, o círculo é o símbolo universal do infinito, do universo e pode representar tudo ou nada, dependendo da

interpretação. Ele pode conter a criação, a fertilidade e a origem da vida, características profundamente femininas, transmutando-se num símbolo universal da unidade, totalidade, infinito, representando a deusa e o poder feminino. Para as religiões lunares e telúricas, é um símbolo que representa o sagrado feminino, a mãe terra e o espaço sagrado.

Boghe Bride, ou cruz solar, um outro círculo preenchido por uma cruz, representa os ciclos de nascimento, vida e morte da Deusa, usado por inúmeras culturas pagãs.



Nesse sentido, o manuscrito, se como hipótese tiver sido produzido por uma ordem religiosa resistente feminina, celta ou não, e se a civilização da escrita é uma civilização centrada no masculino, então a estratégia de escritura no manuscrito ser algo indecifrável, é mais que uma pista sobre a mensagem que ele carrega. De um lado, expõe símbolos e um sinuoso trajeto iconográfico perfeitamente legível se tivermos à mão as foices das druidezas. De outro, produz um escrita indecifrável para os leitores de uma modernidade ofensiva e toda ela fundamentada na escritura que legisla contra o feminino, das bulas papais aos ideários legais do estado.

Assim, conserva não somente um ideário iconográfico como, ao mesmo tempo, demonstra que a escrita, como ferramenta de poder, pode ser elevada a píncaros onde nenhum homem tem acesso. Mudando a perspectiva, esse documento transita pela história como um incômodo, sempre a lembrar aos pesquisadores que tudo que eles



pensam saber é nada. O deslocamento proporcionado pelo manuscrito nos convence de que a ruptura política que se operou no século XVI tem duração provisória, já que nas bordas, nas franjas, habitam mistérios que as ferramentas do poder não podem resolver.

Mesmo na cultura cristã, o papel da mulher é, em período que estamos discutindo, de primeira ordem. A palavra matrimônio é originária do termo “matri-munus”, que destaca a responsabilidade feminina de criar e manter a ordem familiar. E essa manutenção diz respeito a uma ordem extremamente complexa.

Acercar-se do território do manuscrito é equivalente à sensação de invadir um pântano: só nos resta a especulação. É um mar de hipóteses sem fim.

Nesse universo de inferências é necessário pedir o socorro de mestres divagos: de Isaiah Belin, de Baudrillard. Esses senhores nos apontaram que sem a imaginação o historiador seca e morre.

Por isso o manuscrito é tão importante: para que o historiador construa um palco onde seus personagens possam livremente interpretar seus papéis, um palco de coerência e convencimento, já que nada mais resta, senão um amontoado de mistérios, de cordames e restos de madeira, de desenhos e de signos que nada dizem.

Talvez em suas vidências, essas mulheres tenham nos legado o manuscrito como uma chave de engramas<sup>9</sup>, capaz de forçar nossa atenção para um outro tempo, uma outra sociabilidade, uma outra relação muito mais virtuosa que a nossa.

Num tempo em que analfabetismo e analfabetismo funcional são termos que confirmam a inadequação da cultura letrada sobre uma realidade movediça e insurgente, a voz de Totonha ecoa como um alarme diante das fragmentações do poder.

Para finalizar, e como se pode perceber, da perspectiva dos produtores do manuscrito, por uma inversão simples, e como puderam constatar todos os criptólogos e linguistas modernos, somos todos analfabetos.

---

<sup>9</sup>Engramas são memórias guardadas nos tecidos neurais e que, devido a mudanças biofísicas ou bioquímicas no cérebro, em resposta a um estímulo externo, ressurgem. Seriam a correspondência física das recordações.



### Referências Bibliográficas

ABREU E LIMA, José Ignacio de. *As Bíblias Falsificadas ou duas Respostas ao Sr. Cônego Joaquim Pinto de Campos pelo Christão Velho*. Recife, PE: Typ. Commercial de G. H. de Mira, 1867.

ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos livros*. Campinas, SP./São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil/Fapesp, 2003.

ANGUS, Joseph. *História Doutrina e Interpretação da Bíblia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971.

BACON, Francis. *Novum Organum*. São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XIII), 1973.

BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

BOXER, C.R. *A Igreja e a Expansão Ibérica (1440-1770)*. Lisboa: Edições 70, 1981.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, (Reimpressão), 1997, 2 Vols.

BURKE, Peter. "Os usos da alfabetização no início da Itália Moderna". In BURKE & PORTER (orgs.). *História Social da Linguagem*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP/Cambridge, 1997.

CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*. Campinas, SP./São Paulo, SP: Luz para o Caminho/Casa Editora Presbiteriana, 1985.

CHARTIER, Roger. *Inscrever e Apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CHARTIER, Roger. *Prefácio à obra de Denis Diderot: Carta Sobre o Comércio do Livro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

DIDEROT, D. *Carta sobre o Comércio do Livro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. *Bruxaria, Oráculos e Magia Entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005



FEBVRE, Lucien & MARTIN, Henry-Jean. **O Aparecimento do Livro**. São Paulo: Hucitec, 1992.

GUEDES, Fernando. **O Livro como Tema: história, cultura e indústria**. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.

HILL, Christopher. **A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HUTTON, Ronald. **The Triumph of the Moon: A History of Modern Pagan Witchcraft**, 1999.

KRAMER, Heinrich. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos, 2009

LADURIE, Emmanuel Le Roy. **O Mendigo e o Professor: a saga da família Platter no século XVI**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, Vol. 1.

MAN, John. **A Revolução de Gutenberg: A história de um gênio e de uma invenção que mudaram o mundo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MANHEIM, Ralph. **Myth, religion, and mother right: selected writings of J.J.**

59 Bachofen Johann Jakob Bachofen,

MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3ª ed., São Paulo: Ática, 2002a.

MCGRATH, Alister E. **Fundamentos do Diálogo entre Ciência e Religião**. São Paulo: Loyola, 2005.

NEW, John F.H. **Renaissance and Reformation: A Short History**. New York: John Willey & Sons, Inc., 1969.

RIZZINI, Carlos. **O Jornalismo Antes da Tipografia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

SCHAEFFER, F.A. **La Fe de los Humanistas**. 2ª ed. Madrid: Felire, 1982.

SCHAFF, David S. **Nossa Crença e a de Nossos Pais**. 2ª ed. São Paulo: Imprensa Metodista, 1964.

SCHAFF, Philip. **The Creeds of Christendom**. 6ª ed., Revised and Enlarged, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, (1931), 3 Vols.

SICHEL, Edith. **O Renascimento**. 3ª ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Zahar, 1977.



STEINBERG, S.H. *500 Años de Imprenta*. Barcelona: Ediciones Zeus, 1963.

VERGER, Jacques. *Homens e Saber na Idade Média*. Bauru, SP.: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

